



Mulher do batuque, 13-11-06, Imagem de Gisela Ramos Rosa

### *Tocando com as mulheres do batuque*

Mulher teus gestos tocam  
um objecto simples que percute Amor  
tu crias um cenário uma roda onde as vozes se elevam e ecoam  
o timbre incansável de uma pedra intemporal  
e levantas as mãos em movimentos alternados de sons  
que trazem para a roda a magia inscrita pelo corpo em ritmos ondulados

Mulher o teu corpo conta uma história que se inscreve no sabor  
de uma tradição ou de um sonho  
que não é referência prisioneira

Com o corpo quebras todas as amarras  
e ao tocar dialogas com o tempo  
que te vê passar  
e o das raízes que em movimento se estendem pelo mundo

Mulher tu és a voz de todas as mulheres  
Terra que fertilizas com os teus sons  
e ao tocares com as palmas a superfície dura de um batuque  
sublimas com as mãos todas as tristezas e diferenças  
teus lábios entoam cânticos desenhados por um contexto  
e contigo a dança ganha o ânimo que abrevia as aflições

Mulher teus gestos reinventam paisagens  
teu sopro é alto e propaga-se a teus filhos

Mulher aprendo com o teu batuque  
a tocar e a dançar em torno

Gisela Ramos Rosa,  
01-06-06

Por Gisela Maria Gracias Ramos Rosa  
Mestre em Relações Interculturais

### *As Mulheres do Batuque*

No Alto da Cova da Moura, concelho da Amadora, existe um grupo de mulheres cabo-verdianas que se reúne periodicamente para tocar o batuque. Este Grupo de Batuque *Finka-Pé* nasceu em 1988 e foi promovido pelas actividades desenvolvidas pela Associação Cultural Moinho da Juventude sediada no bairro. O elevado nível de competência artística das mulheres do Grupo Finka-Pé tem originado inúmeros convites para actuação externa em vários locais do país e no estrangeiro. Entre as suas actividades destaca-se o Curso de Batuque que é ministrado quinzenalmente por estas mulheres, nas instalações da Associação Moinho da Juventude, a todas as pessoas que nele queiram participar.



Mulheres do batuque tocando e dançando. Imagem de Carole Garton, 26-06-04.

Segundo Jorge Castro Ribeiro a criação do Grupo conduziu à consciência do valor cultural do batuque entre cabo-verdianos residentes no bairro da Cova da Moura, que já

antes numa linha de tradição empreendiam, esporadicamente, a “batucada” em eventos festivos da comunidade (casamentos, baptizados e outras festas familiares).

Ainda, de acordo com o mesmo autor, duas grandes áreas culturais estão na origem da cultura cabo-verdiana - a europeia e a africana. O cruzamento destas influências marcou as ilhas do arquipélago, em particular Santiago e São Vicente que têm características musicais muito próprias. São Vicente com os géneros Morna e Coladeira de forte expressão europeia (e brasileira) e Santiago com marcas profundamente africanas vertidas nos géneros do Batuque e Funaná.

O Batuque que encontramos hoje no Alto da Cova da Moura é um objecto ou artefacto histórico-cultural portador de memória sendo, também, um elemento de transformação em novos contextos sociais económicos e culturais.



Teresa exemplificando a batida na sua tchabeta (Gisela Ramos Rosa, 09-10-04)

O traje das mulheres do batuque é composto por uma saia preta cobrindo uma saia interior branca com um folho branco que sobressai da saia preta, uma blusa branca e um lenço branco amarrado à volta da cabeça. À cintura é colocado um lenço escuro de padrão variado cuidadosamente enrolado que servirá para lançar o convite a uma das batucadeiras para a dança em torno ao som do batuque.



Nanda e Domingas numa actuação em Torres Vedras (Gisela Ramos Rosa, 09-10-04)

Depois de as mulheres se organizarem em arco, sentadas em cadeiras, colocam a *tchabeta* entre as suas pernas, em regra cruzando os pés na frente para suster o instrumento com a pressão da batida.



Mulher cabo-verdiana tocando a *tchabeta*, 13-11-05,  
Imagem de Gisela Ramos Rosa

Greet Wielemans, terapeuta Flamenga que estudou os efeitos terapêuticos do batuque, refere que a percussão da Tchabeta (nome do instrumento de percussão das mulheres cabo-verdianas) é alternada e esse efeito de alternância é terapêutico. Por outro lado, entre as mulheres desencadeia-se um mecanismo de coesão e partilha do quotidiano de suas vidas que é transposto para os cânticos que entoam ao som do batuque. A dança, por seu turno, surge encadeada por um movimento de liberdade do corpo (sem inibições) que se desencadeia naquele espaço criado entre mulheres e que surge como mecanismo de alento e ânimo de todo o grupo.

A prática do batuque tem devolvido às mulheres cabo-verdianas a dignidade e auto-estima para enfrentarem o quotidiano de suas vidas, dificultado não só em razão do seu desfavorecimento económico mas pela discriminação social e cultural.

(...)

Kenha ki kre-nu, kre batuku.

Batuku e nos aima!

Kaoberdiano Dambara

(1964- Felisberto Vieira Lopes)

(...)

Aqueles que nos amam, amam o batuque

O batuque é a nossa alma!

(tradução para inglês de Manuel Gonçalves  
e para português de Gisela Ramos Rosa)

### ***Referências bibliográficas:***

Ribeiro, Jorge Castro, Finka-Pé: Um Grupo de Batuque Cabo-verdiano, em panfleto distribuído pela Associação Cultural Moinho da Juventude, 2006

Wielemans, Greet, citada em panfleto distribuído pela Associação Cultural Moinho da Juventude, 2006

### ***Webgrafia***

<http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho>